



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**PEDAGOGIA WALDORF COMO EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA:
REFLEXÕES E PERSPECTIVAS**

AMANDA BESSA DE MORAES

RIO DE JANEIRO

2014

PEDAGOGIA WALDORF COMO EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA:
REFLEXÕES E PERSPECTIVAS

AMANDA BESSA DE MORAES

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Marcio da Costa Berbat (Orientador)
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro
Janeiro
2014

**PEDAGOGIA WALDORF COMO EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA:
REFLEXÕES E PERSPECTIVAS**

AMANDA BESSA DE MORAES

Avaliada por:

Data: ____/____/____

Anelize Pires Reynozo da Silva

Escola de Educação - LIPEAD

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

"A nossa mais elevada tarefa deve ser a de formar seres humanos livres que sejam capazes de, por si mesmos, encontrar propósito e direção para suas vidas."

Rudolf Steiner

Dedicatória

Dedico este trabalho àqueles que me dedicaram amor incondicional e me conduziram até aqui: Meus pais. Vocês são a minha força. Amo vocês.

Agradecimentos

Em primeiro lugar a Nossa Senhora por sempre interceder por mim perante o seu filho.

A minha mãe por ser linda espiritualmente, por todas as noites em claro, por ter dançado comigo sobre seus pés, por sempre acreditar em mim, por me incentivar, por incessantemente me mostrar que sempre se pode ser uma pessoa melhor, por ser minha melhor amiga, por ser um exemplo de bondade e dedicação, por ter me apresentado à pedagogia Waldorf e por ter vivido comigo todos os meus momentos, mesmo quando não estava presente, se eu for um terço da mulher que ela é ainda assim serei grande.

Ao meu pai por ser meu melhor amigo, por ter madrugado tantos dias ao meu lado para me levar para escola simplesmente para me poupar, agradeço por ele ser para mim um exemplo de crença e fé, por nunca desistir de mim, por estar ao meu lado antes mesmo de eu chamar socorro.

A minha dinda que para mim também foi uma mãe por toda sua dedicação, pelos seus conselhos, por me entender em silêncio, por ter me ensinado que a fé mais bonita é a que já nasce com a gente e é feita para a caridade, por dividir comigo suas crenças e energias, por me amar como eu sou.

As minhas avós que já se foram: à minha vó Nono que me mostrou em atos que a humildade é uma das coisas mais bonitas do ser humano e à minha vó Babina por ter me mostrado que o amor precede a educação e por sempre ter me olhado como se eu fosse tudo que ela mais amava ver.

À professora Anelize Pires Reynozo da Silva, por ter aceitado generosamente ler e avaliar este trabalho.

Ao professor Marcio da Costa Berbat por ser um grande ser humano, por ter me acolhido como orientador e por toda a ajuda, tempo, compreensão e paciência que dedicou a mim e mais ainda agradeço por saber que ele é essa pessoa boa com todos que o cercam e não só comigo.

AMANDA BESSA DE MORAES. PEDAGOGIA WALDORF COMO EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS. Brasil, 2014, 32 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

RESUMO

O presente trabalho busca delinear a pedagogia Waldorf e o sujeito Rudolf Steiner, no qual diversos conteúdos serão apresentados, a fim de aprofundar o conhecimento e as experiências através das vivências. Dentro desse modelo pedagógico poderá ser observado o trabalho para a construção humana, o significado da Antroposofia, o papel do professor nessa formação, a relação com a espiritualidade, às perspectivas acerca dos fundamentos e aplicações deste modelo pedagógico, desenvolvido por várias escolas e educadores espalhados por vários países.

Palavras-chave: Waldorf; Antroposofia; Espiritualidade; Vivências.

Índice de Siglas

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Sumário

Resumo	07
Introdução	10
Capítulo 1: Pedagogia Waldorf	
1.1: Rudolf Steiner: O Sujeito	11
1.2: A Antroposofia	14
1.3: A Criança para a Antroposofia	17
Capítulo 2: Princípios da Pedagogia Waldorf	
2.1: Os Stênios	19
2.1.1: O Primeiro Stenio	19
2.1.2: O Segundo Stenio	20
2.1.3: O Terceiro Stenio	21
2.2: A Pedagogia Waldorf	23
2.2.1: Professor na Pedagogia Waldorf	24
2.2.2: A Turma	25
Capítulo 3: A Escola Waldorf	
3.1: O Surgimento	27
3.2: O Espaço das Escolas Waldorf	27
3.3: O Jardim de Infância	28
3.4: O Ensino Fundamental e Médio	29
3.5: A Estrutura Administrativa	29
Considerações Finais	30
Referências Bibliográficas	32

INTRODUÇÃO

O pressuposto tema foi escolhido por ser um tema incomum nos nichos acadêmicos e pedagógicos, também por ser temática pouco divulgada e de grande valia para o campo educacional. Assim, tem-se por finalidade não somente explicitar a temática, mas abordá-la sob os olhares: social e afetivo, indo de encontro a suas utilidades e anseios dentro do modelo educacional vigente, trazendo desta forma ao conhecimento dos leitores elementos e ideais para um ensino mais humano, já que, a atual conjectura pedagógica majoritariamente trabalha a favor do científico, do empírico, dando pouca valia às informações e aprendizagens pertinentes a vida.

A abrangência do tema cerne aos níveis escolares de pesquisa e aos estudiosos interessados por tal temática, visando trazer informações e elementos de estudo presentes na pedagogia Waldorf como: dados históricos, informações sobre o fundador deste tipo pedagógico, um breve olhar sobre as relações sociais e afetivas das crianças envolvidas neste processo, modelos de escolas que apliquem esta metodologia e organização do espaço nestas Instituições.

A proposição de um novo olhar sobre as atuais estruturas educacionais serve como motivação para a construção e o desenvolvimento deste estudo. Desnudar o olhar e trazer a tona elementos afetivos em um campo científico são inquietações que motivam a aprendizagem, o aprofundamento, a propagação e a disseminação deste ideário educativo.

Antes de mergulhar nessa pouco conhecida proposição educacional, deve se possuir a consciência que o pressuposto tema está intimamente relacionado à humanização da vida e a espiritualidade do homem, desta forma, descrentes e céticos não devem arriscar-se a enveredar por este caminho, pois, toda compreensão do tema exige uma grande presença de espírito, sensibilidade e compreensão com forças ocultas, com o que não se pode enxergar.

Capítulo 1: Pedagogia Waldorf

1.1: Rudolf Steiner: O Sujeito

Filho de um funcionário da estrada de ferro chamado Johan Steiner e de Franzizka mãe amada e estimada dona de casa, Rudolf Steiner nasceu em Kraljevec em 27 de Fevereiro de 1861. Seus pais eram oriundos da Baixa- Áustria, em uma região florestal, seu pai nasceu em Geras e sua mãe em Horn.

Ainda em Geras Johan foi educado por monges e tinha grande apreço pelas suas origens, já rapaz tornou-se caçador a serviço do Conde de Hoyos na região de Horn, lá ele conheceu Franzizka e logo deixou o serviço de caça indo assumir o cargo de telegrafista em uma ferrovia do sul da Áustria, depois foi transferido para próximo da fronteira húngaro-croata, mais exatamente Kraljevec, lá Johan e Franzizka se casaram e deram vida a seu primogênito Rudolf. Mesmo tão distantes de sua terra natal o casal ainda alimentava imenso amor e apreço pela sua ascendência, dessa forma, ao chegar a aposentadoria para o patriarca eles retornaram para Horn.

Devido ao trabalho do pai, Rudolf mudava se constantemente. Com um ano e meio de idade o pai foi transferido para Modling, próximo a Viena, ali morou meio ano, Posteriormente o pai recebeu a direção da pequena estação da ferrovia do sul em Pottschach e lá ficaram dos dois aos oito anos de idade do menino. Foi nessa época que o vai e vem de pessoas e trens iriam construir gradativamente no menino seu senso de observação, seu apego pelas tarefas e descrição do cotidiano, sua percepção pela mecanicidade das coisas e o recorrente anseio em despertar pelo abandono da pureza e suavidade da alma infantil ante ao questionamento do fluxo mecânico, frio e calculado das coisas. Este anseio tornava se latente na vida de Rudolf, pois, os endereços da família costumavam ser próximos à estrada de ferro e a estação de trem.

Em virtude disto e para o entendimento de várias outras questões Rudolf recorria ao pároco de St. Valentin, lugarejo próximo a Pottschach. O padre era muito próximo à família e foi grande amigo mestre e incentivador para as questões da vida e da infância do menino. A região que a família morava e ao longo da estrada de ferro era generosamente encoberta por flores de Acácias e certa vez o padre ensinou a Johan que tais flores eram comestíveis, tal conselho prático foi de grande valia, desde então “as flores fritas de acácia” complementaram durante muito tempo as refeições da família. Ainda nessa época nasceram o irmão e a irmã de Rudolf, com esta ele partilhou seu

amor pelos livros infantis, eram de suas preferências os ilustrados e com figuras móveis, foi a partir deles que sozinho ele começou a ler.

Seguindo a vontade do pai, assim que, atingiu a idade escolar o menino foi enviado para a escola da aldeia. Lá era ensinado pelo mestre escola e alimentava por ele grande sentimento de repulsa, enxergando-o como uma figura enfadonha com métodos enfadonhos e incapaz de transmitir lhe conhecimentos.

Esse professor tinha um filho e certa vez ao fim da aula o menino resolveu molhar um pedaço de pau com tinta e fazer círculos ao redor dos tinteiros, nesse momento só restava na sala Rudolf, o professor, o filho dele e mais alguns meninos, quando se deu conta da arte o professor começou a esbravejar, o comportamento dos alunos mostrou claramente quem era o autor da arte, porém, as coisas tomaram um rumo inesperado, a casa do mestre era ao lado da escola ao ouvir os gritos a esposa dele interviu na confusão alegando que seu filhinho seria incapaz de tal ato e pôs toda a culpa sobre Rudolf, a partir de então ele não foi mais a escola, seu pai encarregou-se de cuidar pessoalmente de sua educação logo após pôr um fim na amizade com o mestre escola e sua esposa.

Com o pai lhe ensinando tampouco ele teve seu interesse em aprender despertado, ao invés disso ele queria imitar o pai, ser como ele e possuía enorme interesse nas funções do dia a dia como o funcionamento de um moinho, por exemplo, as manifestações práticas da rotina eram o que realmente o atraíam.

Aos oito anos de idade de Rudolf mais uma vez a família se muda. Dessa vez para Neudorf, uma aldeia húngara na fronteira com a Baixa-Áustria. A região possuía um ambiente natural riquíssimo, estava situada em meio a um rio, florestas e Alpes. Suas riquezas ecológicas enriqueciam a paisagem e a visão de observadores atentos como seu novo habitante. Todo o dia Rudolf encarregava-se de explorar o novo cenário e enxergava com alegria a magnitude do ambiente, atribuindo a Deus a generosa paisagem, suas belezas naturais, a água pura e os alimentos que ele constantemente buscava nas florestas.

Nessas andanças os moradores da região, principalmente os mais velhos, recebiam dele enorme atenção, pois, era com eles que o menino aprendia várias lições e reparava que mesmo que o seu companheiro de conversa tivesse sessenta anos este não o desmerecia pelo fato de ele ainda ser uma criança, pelo contrário, o menino ao olhar os senhores via nos olhos destes a alma de uma criança. Em suas constantes caminhadas o menino costumava deparar-se com alguns monges, mas estes nunca lhe dirigiram a

palavra, despertando assim, a inquietação no menino que achava que na vida desses monges deveria haver coisas importantes para se aprender, mas como ele conseguiria apreender tal conhecimento se estes não lhe dirigiam a palavra? Essas questões não respondidas se instauraram no âmago deste ser em construção e vieram à torná-lo uma criança bem solitária já que desde tão cedo estava imerso a questões muito íntimas, pessoais e pertinentes a sua existência.

Ainda em Neudorf Rudolf voltou à escola. Lá encontrou verdadeiramente um mestre para construir seus conhecimentos, este era seu professor auxiliar, e por ele Rudolf nutriu enorme amor, admiração e respeito, algo até então desconhecido dado seu mestre escola anterior. Cabe salientar que o mestre escola desta aldeia acumulava a função de tabelião, deixando assim a educação escolar a cargo do professor auxiliar, pessoa boníssima, sempre preocupada em ajudar aos outros, sendo responsável por dar uma direção a Rudolf quando lhe apresentou a Geometria, por intermédio de um livro que emprestou ao menino.

A partir desse encontro ele teve uma identificação anímica com a Geometria, pela primeira vez sentiu-se pleno e verdadeiramente feliz, pois, encontrara bases para justificar a existência de coisas que não conseguia entender, encontrara consolo para as questões não respondidas e ele próprio descreveu o encontro dessa forma:

“Durante semanas minha alma ficou totalmente preenchida pela congruência, pela semelhança de triângulos, quadrângulos, polígonos; eu quebrava minha cabeça indagando onde realmente as paralelas se encontram; o teorema de Pitágoras me encantava. O fato de se poder presenciar animicamente o desenvolvimento de formas a serem observadas de maneira puramente interior, sem impressões dos sentidos externos proporcionou-me imensa satisfação. Nisto eu encontrei consolo para a disposição anímica que me resultara das questões não respondidas. Poder compreender algo puramente no espírito trazia-me uma felicidade interior. Sei que na Geometria eu conheci pela primeira vez a felicidade” (STEINER, 2006, p 31).

O professor auxiliar de Neudorf ao ceder o livro de Geometria para Steiner proporcionou-lhe uma justificação para o mundo espiritual, todas as incisões do mestre sobre o aluno eram constructo de produção e enriquecimento, além da Geometria o primeiro contato de Rudolf com o mundo artístico também se deu por meio do

professor: “Ele me trouxe o elemento artístico. Tocava violino e piano e, desenhava bastante. Tudo isso me atraía fortemente para a sua pessoa” (STEINER, 2006, p 32).

Outras figuras notáveis na vida de Rudolf foram temporais a estes acontecimentos, uma delas o pároco Franz que mostrou-lhe o sistema de Copérnico e explicaram-lhe os eclipses do sol e da lua, tais conteúdos foram de grande valia para a vivência espiritual que estava se formando no menino. Outra figura foi um médico com imenso apreço pela literatura alemã que o menino conheceu na estação do trem, foi ele quem lhe apresentou as figuras de Lessing, Goethe e Schiller.

Essa coexistência de realidade física e espiritual serviu de inspiração para diversas obras do filósofo. Seus estudos contribuíram e enveredaram por diversos campos como: a filosofia, a pedagogia, a medicina, a agricultura, a arquitetura e as artes plásticas. Aos dez anos devido a sua inteligência e suas iniciativas autodidatas dominou sozinho o cálculo integral e por seu talento recebeu de sua escola uma nota que jamais havia sido dada.

Aos quatorze anos de idade teve contato com a obra de Kant, e se aprofundou com empenho nos estudos deste, tais estudos diziam que somente os elementos cognoscíveis pelos sentidos podem ser apreendidos no mundo real, o que ia contra a visão mundana de Steiner, após este fato ele sentiu imensa necessidade de construir uma perspectiva, uma filosofia que fosse contra esse ideal reducionista e puramente material da realidade.

Por influência do pai, Steiner estudou Ciências Exatas e se graduou na Escola Politécnica de Viena, onde se aprofundou nas obras de Goethe e pode então construir e embasar seus pensamentos contra posicionados e alternativos a obra kantiana.

1.2: A Antroposofia

A Antroposofia enfoca o ser humano sob um olhar mais amplo que o da Ciência Moderna, ela destaca que o ser humano tem em sua composição física os mesmos elementos que compõe o mundo externo, que ao nascer o homem é rico em vitalidade e tem seu corpo bastante fluidificado e rico em água, que é a fonte da vida, com o passar dos anos o corpo vai gradativamente perdendo essa forma e passando a um estado mineralizador, quando este se instaura por completo o corpo morre e retoma a forma de

pó ou mineral, que simboliza a ausência da vida. Além do corpo físico, nas entidades vivas, inclusive na humana tem-se o corpo vital ou etérico: “um segundo corpo não físico, que permeia o corpo físico. Esse segundo corpo é o conjunto das forças que dão vida ao ser e impedem a matéria de seguir suas leis químicas e físicas normais. Rudolf Steiner, o fundador da Antroposofia, chamou esse segundo corpo de plasmador ou corpo das forças plasmadoras” (LANZ, 2011, p 17).

A existência de um terceiro corpo também é denotada, esse seria o corpo de sentimentos responsável pelos instintos, paixões, simpatias e outras sensações, “Rudolf Steiner denominou-o corpo astral. Sem entrar em detalhes sobre as razões dessa denominação, quero lembrar que antigas correntes esotéricas vislumbravam uma relação entre as forças planetárias (em latim, astra) e os órgãos do homem com sua vida anímica. Daí o nome corpo astral” (LANZ, 2011, p 21).

Nota-se então a presença de mais um corpo que permeia o corpo físico além do corpo etérico, esse terceiro corpo participa do plano astral e é superior ao etérico e ao físico, dominando-os. Ainda com relação ao corpo astral a clarividência revela a existência da aura, uma coloração que envolve esses corpos e varia conforme os sentimentos do indivíduo observado, quanto mais pura e bondosa for a pessoa mais clara e brilhante será a aura dela.

Ainda com relação ao homem pode-se notar um quarto elemento necessário para constituição de sua existência, esse elemento se refere ao eu ao ego e está acima dos outros três corpos tornando-os inferiores. Esse novo elemento definirá o homem como pessoa, ele irá lhe conferir a personalidade, a bondade ou a maldade, a cobiça ou a renúncia, pois, é ele quem irá delinear o sujeito em si e é quem lhe dará a função de criador continuando a obra da criação como artista, filósofo ou trabalhador, por exemplo, deixando no mundo a sua marca, tornando-se autônomo e dessa forma se libertando dos reinos inferiores. “Por meio do eu, o homem pode dominar e purificar seus sentimentos, instintos e paixões. O espírito é de certa forma, um adversário daquilo que em nós é meramente anímico. Toda ética tem sua razão de ser nesse antagonismo” (LANZ, 2011, p 26).

O convívio do eu com os demais corpos deu origem a conjunto autônomo de atitudes e faculdades denominado alma constituindo assim uma ligação do eu com o mundo externo.

A alma se apresenta de forma heterogênea através dos tempos e para a Antroposofia cabe salientar a existência de três almas: A alma sensível ou de sensação

que permite ao homem vivenciar o mundo; a alma do intelecto ou do sentimento que permite a formulação de pensamentos pelo homem e a alma consciente ou de consciência que dá ao homem a consciência de ser, de existir, lhe concedendo a individualidade e causando o choque dele com o mundo “Um grande esforço é necessário para o homem poder transpor o abismo que a própria alma consciente rasgou entre ele e o mundo. Num trabalho árduo, ele deve restabelecer a ligação entre a parcela espiritual de seu eu e a espiritualidade universal” (LANZ, 2011, p 27) e mais “Com efeito, as três almas são fruto da simples coexistência entre o eu e os corpos inferiores. Sem qualquer atuação do eu as três almas desenvolveram-se pouco a pouco ao longo da história do homem” (LANZ, 2011, p 27).

No futuro o eu atingirá a um nível tão elevado de maturação e autoconsciência que suas forças incidirão sobre os demais corpos desenvolvendo-os “nesse trabalho árduo e difícil de espiritualização consciente dos corpos inferiores, o eu criará, por assim dizer, novos membros futuros, novas camadas do ser humano” (LANZ, 2011, p 27).

Dentro do Universo a Antroposofia destaca a existência de forças, seres espirituais mais desenvolvidos do que o homem, inclusive dentro desse universo salienta a presença de forças malignas que agem de modo hostil e afetam a existência cósmica atuando até sobre os homens.

Tanto os homens quanto essas forças estão em um processo de evolução contínua e esse processo evolutivo dependerá de cada indivíduo, de suas atitudes e escolhas baseadas no livre arbítrio de cada um que constituíram ou não no desenvolvimento destes. O desenvolvimento dos indivíduos, moral e mental, para a Antroposofia são meta da existência humana “Para esse desenvolvimento, uma vida terrestre é, sem dúvida insuficiente” (LANZ, 2011, p 28). Observa-se então a reencarnação como forma de evolução espiritual por boas atitudes e aprendizagem ou como forma de regressão por meio de escolhas ruins e falhas.

Através de vidas sucessivas e partindo do livre arbítrio o indivíduo terá a chance de encontrar sua evolução, a vida se encarregará de lhe ceder alguns percalços e dificuldades, o destino ou carma será imposto como desafio e a sobreposição deles findará no progresso espiritual. Cada escolha feita em uma vida terá consequências nas vidas posteriores e entre tantas situações os encontros humanos serão os de maior valia durante o percurso cármico. Tem-se então as diversidades da vida mundana como um ensaio para o alcance da perfeição humana em vidas futuras.

1.3: A criança para a Antroposofia

Toda fala pertinente a constituição quaternária do homem formatada pela presença dos corpos: físico, etérico, astral e o eu irá desembocar em uma discussão sobre as atividades anímicas do homem que irão resumir-se em uma tríplice formada por: pensar, sentir e querer, onde o sentir, denotado como estado de semiconsciência terá uma posição mediadora entre os dois polos pensarem, atitude consciente, e querer, ato inconsciente. Tais conjecturas serão de extrema valia para o entendimento das fases da vida da criança.

Algumas correntes comportamentistas acreditavam que “o homem seria uma espécie de recipiente vazio, uma Black Box” (LANZ, 2011, p. 37) tal prospecção resumi o ser humano a constructo comportamental, negando que ele traga algo de particular para a vida mundana, negando-o como ser anímico espiritual, agente se seu carma e responsável pelas suas escolhas. A passagem gradativa da inconsciência para a consciência marca a passagem da infância para a juventude, onde a criança deixará de apenas querer e passará a se valer do pensar e ao longo dessa transformação e até ao fim dela nunca abandonará o sentir que está intimamente ligado ao coração e aos sentimentos.

Capítulo 2: Princípios da Pedagogia Waldorf

2.1: Os setênios

Os setênios irão marcar os ciclos da educação na pedagogia Waldorf: “Segundo Rudolf Steiner, a vida humana não decorre de forma linear, mas em ciclos de aproximadamente sete anos. Em cada um desses ciclos, um determinado membro da entidade humana se desenvolve de maneira mais pronunciada. A personalidade, isto é, o eu, vive então principalmente nesse membro” (LANZ, 2011, p 38). Essa divisão por setênios pode ser observada ao longo de uma vida inteira, porém, para o campo educacional cabe salientar os três primeiros sete anos, marcando os 21 anos de idade como o fim de três ciclos educacionais.

Todo indivíduo já nasce tendo em si a estrutura quaternária de corpos, porém, esses corpos irão gradativamente evoluir-se através dos setênios. Cada evolução dentro desse ciclo é marcada com o nascimento individual de cada corpo. Dentro de cada setênio uma parte subjetivada e intrínseca de cada indivíduo irá sobressaltar-se sobre as demais, cada parte desse ciclo a ser desenvolvida será chamada de membro e ao todo quatro membros irão evoluir dada a estrutura quaternária do homem, as gradativas evoluções irão marcar o amadurecimento do ser humano.

Cabe à pedagogia Waldorf dar a criança o contato adequado com o mundo e trabalhar na criança suas aptidões, caracteres cognitivos e sentimentais de acordo com a fase na qual esta se encontra. São necessários então que os estímulos exteriores incidam sobre a criança e encontrem nela uma disposição interna adequada para sua evolução, deve então, haver harmonia entre o que a criança carrega consigo e o que o mundo exterior irá lhe oferecer. O processo de amadurecimento do homem é longo, em sua jornada pela vida ele terá a chance de apreender diversos conhecimentos e melhorar gradativamente, para que essa aprendizagem nunca estagne é necessária que o homem se mantenha sempre favorável à aprendizagem, sempre disposto a contacta-se com novas perspectivas transcendendo assim sua existência.

2.1.1: O Primeiro Setênio

Antes de nascer, ainda na barriga da mãe, a criança sofre grande influência de seres espirituais de hierarquias superiores e até mesmo após o nascimento a força desses seres do mundo espiritual continua a permear a criança, a educação para ela, então, deve seguir esse fluxo de forças tendendo a lenta substituição destas por outras forças que irão interagir na formação e evolução deste ser.

Esta primeira fase é marcada pela inconsciência da criança, ela ainda está em evolução no processo rumo à consciência e nesse primeiro momento a criança exterioriza tudo que ela carrega consigo, todos os impulsos que o mundo exterior manda para ela são captados e devolvidos, muitas vezes em forma de sinais vitais, de choro ou riso. A sensibilidade dos sentidos está extremamente aguçada e o ser em formação além de captar tudo que está ao redor também é capaz de captar sensações, sentimentos e energias em tudo que o rodeia.

A partir desta constante captação a criança passará a imitar, primeiro inconscientemente como forma de internalização de conhecimento, posteriormente a imitação será consciente baseada na identificação particular dela com a figura a ser imitada, com seu posicionamento no mundo, com essa identificação a criança passará a ver significados e ressignificar por si só coisas que ela observou, imitando ela pratica sua autoconstrução como sujeito.

Os modelos educacionais devem pautar-se muito mais em bons exemplos do que em teorias, um educador deve ter a consciência que ao dar o exemplo a aprendizagem do educando é garantida já que a criança usufrui da imitação como forma de apreensão de conhecimentos, nessa perspectiva vê-se então que os educadores devem sempre reciclar-se e estar em constante busca por novas aprendizagens buscando assim ser sempre um bom exemplo a ser imitado, ao se autoconstruir o educador ajuda na construção dos educandos, ao abrir-se para novidades e reconhecer que também precisa aprender e melhorar sempre ele desfaz a unilateralidade, tão presente na educação.

Um ambiente repleto de amor é constructo de uma infância sadia e propício para a boa educação, pois, protege a criança da superficialidade, frieza do mundo exterior e lhes transmite a segurança de que o mundo é um lugar belo para se viver. Em um ambiente sem o amor tudo é frio, sombrio, repleto de medos e incertezas que irão atrapalhar no desenvolvimento dos pequenos. Cabe assim, aos pais e mestres se

conscientizarem que muito mais importante que educar é amar com a certeza que o amor antecede boas aprendizagens.

“São por demais conhecidos e cientificamente investigados os casos de crianças que vivem em Instituições onde tudo é perfeito, mas onde falta o calor humano; elas não só apresentam traumas e defeitos psíquicos, mas até sua resistência a doenças é fortemente diminuída; todo o seu desenvolvimento físico e mental acha-se consideravelmente atrasado” (LANZ, 2011, p43).

A infância é a fase das vontades, os atos infantis são principalmente baseados em vontades e não em atos conscientes, o mundo exterior é quem faz parte da criança e ela age sobre ele como quiser. Aos adultos sobra o papel de impor ritmo a essas vontades, porém, essa imposição não deve ser castradora e rígida, deve seguir um fluxo ritmado e benéfico valorizando a essência infantil, suas particularidades e desejos.

Essa inconsciência de ações promove o desenvolvimento e aprendizagens das crianças, ao se nortear por suas vontades, brincadeiras e imitações a criança conquistará três grandes virtudes que são: Andar, falar e pensar e para Rudolf Steiner os três estão intimamente ligados. Nesse período aparece ainda a memória e a partir dela a criança irá construir a noção do eu e começa rudimentarmente a memorizar, abandonando as falas na terceira pessoa, fazendo valer sua existência no mundo. Essa primeira memória ainda é bem simples e se tornará conceitual e duradoura a partir do segundo setênio.

O amadurecimento nesta fase inicial se dá de forma corpórea e mental, ao longo de sete anos nota-se a transformação do bebê em criança, a vivência dos sentidos, seu marco se dará pelo começo da perda dos dentes de leite e a entrada na vida escolar, assinalando que ela já se desenvolveu o suficiente, está apta para pensar e pronta para a vida escolar.

2.1.2: O Segundo Setênio

Esta fase faz valer a juventude e todas as suas paixões, está intimamente relacionada à alma e ao desenvolvimento anímico. A imaginação está à flor da pele, a memória torna-se conceitual, a vivência dos sentimentos é bastante praticada e de grande valia, pois, irá nortear os pensamentos da criança e seus aprendizados.

Nesse momento a música está presente nos processos educacionais se valendo do canto, da fala e da eurritmia, permitindo-se ainda trabalhar com os ritmos do corpo humano e das ideias que o homem carrega consigo.

Por volta dos nove anos de idade a criança ainda está imersa em um mundo particularmente seu, ela vivencia os contos de fadas e ainda não possui a noção objetiva do mundo, tudo é muito subjetivo e intrínseco, depois dos nove anos essas vivências ainda remanescentes do primeiro setênio se esgotam e a criança tem a oportunidade de experimentar o mundo exterior, o professor então deve fazer com que as influências externas incidam sobre a criança de modo que esta não deixe de praticar suas fantasias. Dos nove aos doze anos de idade a criança começa a desenvolver sua criticidade e começa a perder suas características da infância, o raciocínio começa a aparecer.

Dos doze aos quatorze anos de idade começa a puberdade, o jovem tem sua sexualidade despertada e está então imerso em um turbilhão de emoções o que irá perturbar a harmonia dele fazendo que ele crie antipatia por tudo que o cerca e passe a buscar novas proposições e parâmetros para si e seus sentimentos.

Em substituição a imitação nesta fase tem-se a autoridade como prática de afeto, consentida, conquistada e estimada. Os educadores devem buscar estar em contato com o jovem, afim de, se tornarem para eles um modelo, uma figura humana a ser seguida, dessa forma terão sua autoridade aceita, consentida e praticada pelos educandos, a partir da autoridade é que os educadores irão incutir nos jovens valores humanos e a moral.

2.1.3: O Terceiro Setênio

Com o desenvolvimento sadio alicerçado nas fases anteriores agora o indivíduo irá despertar para o mundo, para a sexualidade, vivenciar a autonomia, a plena consciência de suas faculdades mentais, suas responsabilidades e o livre arbítrio, que gradativamente será construído como um longo aprendizado.

Nesta fase a autoridade será proporcional ao nível de confiança e boas qualidades morais que o educador irá inspirar no educando. Dos quatorze aos vinte e um anos o indivíduo irá adotar como liderança quem for capaz de arrebatá-lo como seguidor quem se propuser a inspirá-lo para a vida a partir de bons costumes terá como recompensa o reconhecimento do jovem e este irá segui-lo. Nessa época o idealismo terá grande presença na formação do indivíduo e os estímulos que este irá receber o

caracterizaram como um ser engajado socialmente, a par do mundo e disposto a modifica-lo ou não. Todos os sentimentos que se originarem a partir de tais interações devem ser espontâneos, conquistados e construídos sobre uma confiança e amor previamente infligidos.

O pensar, o sentir e o querer devem conviver harmoniosamente no constructo do jovem, aos professores caberá cultivar essa harmonia e ensinar a liberdade como prática para uma vida plena e respeitosa. Se tudo ocorrer de forma benéfica se terá um ser humano digno de suas capacidades e capaz de autodeterminar-se para a vida.

2.2: A Pedagogia Waldorf

Essa concepção foi construída em 1919 por Rudolf Steiner, ele norteou-se nos princípios da Antroposofia e considerou os aspectos pedagógicos, antropológicos, administrativos e curriculares em seu trabalho. Baseando-se puramente nos aspectos físicos, anímicos e espirituais do ser humano ele desenvolveu assim uma educação que integrasse corpo, alma e espírito; pensar, sentir e querer; preparando o ser humano para além da vida acadêmica, propondo um preparo para a vida, para o dia a dia. Com amor e inteligência ele delineou as fases do homem como setênios e o que deveria ser trabalhado nelas, como forma de melhor desenvolver o ser humano, considerando as aptidões destes, as potencialidades capazes latentes dentro de cada época, buscando até o desenvolvimento de dons individuais e qualidades inatas.

Em seu discurso educacional mensurou que as crianças são capazes de construção e já trazem consigo algo que irão deixar para o mundo, não são apenas caixas a serem preenchidas, são seres com vontades e sentimentos, que já nascem com uma alma, que trazem consigo as histórias de outras vidas, o carma; que irão trocar com a vida e em ambientes apropriados repletos de amor serão tocadas por este sentimento e irão integrar-se harmonicamente e assim desenvolver-se.

Essa pedagogia é flexível e seus formatos podem variar conforme a época e o lugar que está sendo implementada, a essa perspectiva deve-se o agradecimento a Steiner que nunca criou uma metodologia fechada, mas, abriu ao mundo novas possibilidades. Esse modelo pedagógico vai contra a cosmovisão materialista fortemente impregnada aos modelos de educação tradicionais, alerta para as imposições do capitalismo e o forte apelo ao consumo, está destinada a formar seres humanos, prepara-los para a vida, formando homens conscientes do mundo que os rodeia e da ligação entre esse homem e o universo, está fundamentada na relação entre aluno e professor como o centro da aprendizagem, sendo o professor realizador desta.

2.2.1: Professor na Pedagogia Waldorf

O encontro entre professor e aluno é descrito como uma força cármica, que já estava predestinado em outras vidas. Cada aluno tem uma ligação cármica com seu professor e é para ele tarefa de exercício e engrandecimento e ambos estão inseridos dentro de um carma social previamente instaurado dados a conjectura a qual estes se inserem.

Aos professores cabe a harmonização interior de seus educandos em diferentes aspectos. Em cada fase de desenvolvimento será necessário um modelo diferente de professor, pois, as forças, que agem dentro de cada fase são diferentes por si só e o trabalho destas forças será motivado pelo educador. “As causas íntimas dessa situação estão por sua vez, ligadas a três princípios pedagógicos elaborados por Steiner: a imitação no primeiro setênio, a autoridade amorosa no segundo e o juízo próprio, resultado da observação e da vivência própria no terceiro” (LANZ, 2011, p 82).

O professor de classe irá acompanhar o aluno ao longo de oito anos, a esse caberá a tarefa de ministrar as matérias tradicionais e que não exigem habilidade específica, ao ministrar diversas matérias o educador terá a chance de estar em contato com os educandos sobre diferentes aspectos. Este longo contato permitirá uma aproximação verdadeira e amorosa entre professor e aluno, laços de confiança e segurança irão permear o processo e durante esse convívio a ligação entre eles será construída de maneira a equiparar-se com a estabelecida com os pais, já que, durante este tempo será a visão de mundo do professor que as crianças irão conhecer.

A proposta é uma aprendizagem muito mais pautada nas vivências, no lado humano do que nos livros. As experiências, conhecimentos e comportamento dos indivíduos incluídos neste processo estão intimamente relacionados à forma como se dará a aprendizagem.

A partir da nona série não haverá mais a existência do professor de classe passando a existir um professor para cada disciplina. A forma como o aluno será ensinado e seu acesso aos conhecimentos está minuciosamente ligado à fase a qual este educando se encontra, dependendo da fase um novo tipo de estímulo ou uma determinada maneira de ensinar serão expressos.

O professor dentro da pedagogia Waldorf tem plena liberdade de trabalhar de forma autônoma, sua individualidade e sua subjetividade são extremamente valorizadas

quantos seres humanos, porém, diante da classe o profissional deve respeitar os preceitos da Antroposofia, mostrando-se espiritualizado e em pleno contato com a cosmovisão antroposófica, promovendo assim a manutenção e garantia de ensino. Rudolf Lanz nomeia três qualidades ideais para o professor Waldorf, são elas: Um profundo conhecimento do ser humano, o amor como base comportamental social em relação aos alunos e qualidades artísticas, os três princípios são fundamentais dentro da proposta pedagógica, então, o bom professor deve saber despertar em si e no aluno os seus lados mais amorosos e humanos, conhecendo a fundo a si mesmo e o seu aluno, buscando melhorar sempre, afim de, se manter como espelho para seu alunado e dedicando a estes o melhor que ele possa ser e fazer.

2.2.2: A turma

Os alunos são o real motivo da existência das escolas Waldorf, eles são considerados, valorizados e respeitados conforme são não existe qualquer tipo de discriminação e as crianças com algum tipo de deficiência ou dificuldade de aprendizagem também são bem aceitas. A tendência normal é os mesmo alunos permanecerem unidos ao longo dos oito anos, a repetência de série é algo bem incomum neste modelo educacional. Cada turma representa um coletivo de individualidades e se porta como uma comunidade que por si só é única e repleta de particularidades.

As crianças possuem uma relação bem próxima e dada ao tempo em que elas permanecem em contato esse convívio se estende aos pais dos alunos e também aos professores, todos eles são elementos dentro da comunidade. Como em qualquer outra escola cada aluno é um indivíduo único, logo, cada um possui o comportamento diferente dos demais, para os alunos que extrapolam os limites ocorrem as punições, a punição é feita de forma calma, justa, proporcional, agindo como efeito lógico ao que a criança fez de errado, então, limpar o que se suja e consertar o que se quebra são tarefas rotineiras dentro da escola Waldorf.

A forma de aprendizagem é feita por épocas, cada disciplina coexiste dentro da grade disciplinar de forma a ser ensinada enfaticamente por um tempo determinado, normalmente essas aulas são ministradas nos primeiros dois horários diariamente, podendo desaparecer e reaparecer no quadro de horários conforme a necessidade. Essa

forma de aprendizagem permite ao professor concentrar todos os seus esforços em cima de uma única matéria, o que possibilita um trabalho mais coeso e produtivo.

Toda a produção segue um ritmo que será sentido pelo educador, esse ritmo é variável e se modela conforme o retorno que o educador tiver das variantes que turma que está sendo trabalhado exprimir como: comportamento, emoções, dúvidas, expectativas, interesse, sonolência, aprendizagens e uma infinidade de variáveis que estão presentes em qualquer classe de alunos.

A avaliação dos alunos não é feita de forma tradicional, não existem provas ou testes e se por razão da lei a escola for obrigada a aplicar exames quantitativos, este após a correção será enviado lacrado e somente o aluno e seus pais terão acesso a nota alcançada pelo aluno.

Na pedagogia Waldorf o aluno é analisado como indivíduo, pela sua produção, iniciativas, experiências, comportamentos e pelo seu perfil social. Minuciosamente o professor faz um relato como forma de perfilhamento de todos os aspectos intelectuais, psíquicos e físicos do aluno, mencionando todos os detalhes observados na convivência diária considerando alcances e dificuldades de cada criança, cada texto é uma produção única e redigida amorosamente, se ao final desse relato for constatado que o aluno apresenta alguma dificuldade caberá ao professor ajuda-lo. A repetição de série é feita em último caso, apenas quando se é diagnosticado algum tipo de retardamento. Em algumas escolas ao final de um setênio o aluno recebe do professor uma carta de estima, escrita a mão por este como forma de agradecimento e memorial de vivências; nesta carta o professor engrandece o aluno quanto indivíduo, esmiuçando todas as conquistas deles e desejando boas vibrações para a nova fase e para o convívio com o próximo professor.

3: A Escola Waldorf

3.1: O surgimento

O período de existência de Rudolf Steiner foi marcado pelo aparecimento de grandes invenções e descobertas científicas, porém, essa inerente perspectiva fria, material, reducionista e sem alma da realidade nada teve haver com estudos dele no campo da Ciência. Temporal a estes acontecimentos houve também a Primeira Guerra Mundial, que tendo chegado ao fim, fez com que Rudolf viajasse por todas as cidades devastadas do continente europeu dando palestras e disseminando seus ideais, tendo sua concepção baseada na vida e buscando uma forma de superar a imensa tragédia que acabara de ter findado, assim, nascia a primeira Escola Waldorf com o objetivo de educar o ser humano para a paz e a liberdade, elementos totalmente essenciais e ressonantes para a atual conjectura em que se estava vivendo. Ao desejar dar ao mundo uma contribuição Steiner viu na educação do homem a melhor forma de contribuir, buscando agregar valores, homens e liberdade.

3.2: O Espaço das Escolas Waldorf

Estes ambientes são planejados de forma a serem espaço de vivências e aprendizagens capaz de construir seres sociais e críticos dispostos ao pensar crítico e ao livre pensar. Para o mobiliário da se preferênci a madeira a materiais plásticos. As salas de aula são preparadas conforme o ciclo ao qual a criança está inserida.

Em geral os pátios são separados de acordo com a etapa de ensino e são arborizados, podendo abrigar: viveiros, canteiros, hortas, caixas de areia, fornos artesanais e brinquedos como o escorrega, pode se haver ainda outros itens que possibilitem um amplo contato do aluno com os elementos naturais e auxiliam na formação e no desenvolvimento da motricidade deles. Ainda pode se contar com a presença de salas de trabalhos manuais, onde serão desenvolvidas atividades diversas como: bordado, costura, tricô, marcenaria, tapeçaria e entre outros, e as salas de música onde será trabalhado o canto, o uso de diversos instrumentos e a eurtmia que é elemento de grande valia dentro da Pedagogia Waldorf e irá exercitar a expressão, a consciência corporal.

3.3: O Jardim de Infância

O Jardim de infância na pedagogia Waldorf será a extensão da casa das crianças, porém, será a construção de um lar ideal para o desenvolvimento destas, fisicamente e espiritualmente, um lugar onde elas encontrarão acolhimento e segurança para desenvolver seu lado humano, onde serão trabalhadas as vivências das rotinas do dia a dia de uma casa sadia, e assim, a preparação para a vida. A idade dos alunos irá variar dos quatro aos seis anos de idade, seguindo de modelo à família, que pode abrigar irmãos mais velhos e mais novos.

Todo o material que será utilizado nesta fase são itens da realidade, nada é de plástico, as crianças estão em contato com pedras, panos, madeira, água, plantas e etc, este contato prévio com os elementos naturais pertencentes ao mundo dará a criança a segurança necessária para encarar a realidade, o mundo real, transmitindo valores reais, abandonando assim a apreensão artificial do mundo, como nas escolas tradicionais onde tudo é plástico, limpo e feito especificamente para dadas faixas etárias, tal terminologia encurte na criança uma simbologia de pseudovalores de um universo artificial.

Nas escolas Waldorf não são trabalhados conteúdos pré-escolares, todos os conhecimentos são apreendidos por vivências, como prática para a vida, a aprendizagem por imitação também é bastante valorizada e a autoridade é evitada, no dia a dia escolar as crianças varrem o chão, dormem, fazem comida, costuram, lavam a louça, fazem a arrumação, tomam banho de mangueira no calor, mechem com a terra e realizam todas as tarefas pertinentes a vida cotidiana, ainda fazem criações artísticas, trabalham com a música, pintam com tintas e dão imenso valor aos brinquedos, como as bonecas Waldorf construídas pelos alunos, e aos contos de fadas, estes devem ensinar valores morais que ajudaram com o trato das questões da vida.

O papel do professor é latente em todos os ciclos desta pedagogia, uma curiosidade é que o professor não traz nada pronto, tudo que se é proposto deve ser uma construção do aluno, dessa forma este tem a chance de exercitar sua imaginação e construir no mundo algo seu e assim, acaba por iniciar sua integração com si e com o universo.

3.4: O ensino Fundamental e Médio

Abrangendo a idade dos sete aos dezoito anos de idade, estas modalidades de ensino estão subdivididas em doze séries dentro da pedagogia Waldorf. Tal modelo foi criado por Rudolf Steiner, afim de, garantir o direito cidadão de uma educação completa a qualquer ser humano que seja até os dezoito anos de idade. A ideia de Steiner era diminuir os abismos sociais assegurando um mesmo tipo de educação a qualquer um que seja independente de sua classe social, credo, cor ou raça.

Na Pedagogia Waldorf não há provas ou testagens para medir conhecimentos, porém, esta realidade alheia aos exames não se estenderia ao mundo pós-escola Waldorf, pensando nisso Steiner incluiu no currículo as disciplinas tradicionais: Linguagem, História, Geografia, Matemática, Geometria, Língua estrangeira e Ciências, como requerimento mínimo de preparo para as avaliações institucionais que o mundo posteriormente possa vir a cobrar. Ainda quanto ao currículo, todas as matérias são obrigatórias para todos e a grades das escolas podem variar conforme as necessidades e a legislação vigente, tendo várias opções de atividades artísticas, língua estrangeira e etc. Tem se ainda como forma de aprendizagens: As artes, a jardinagem, o desenho de formas, a religião e as apresentações, festas e excursões.

O ensino em sala baseia-se na fala do professor, livros didáticos são evitados, mas, pode ser consultado em séries avançadas, o material de apoio do aluno é uma confecção dele pautada em suas experiências e aprendizagens.

3.5: Estrutura Administrativa

Sem modelo previamente definido cada escola é uma estrutura única e individual, devendo apenas encarregar-se de ensinar os ideais que postulam para si. Embora sejam entidades privadas, elas não pertencem a ninguém e baseiam-se na autoadministração e é dirigida pelo corpo docente. Fazendo parte da comunidade a escola deve manter com esta, relações jurídicas e econômicas.

Toda escola possui além do corpo docente, uma associação mantenedora, um conselho formado por pais de alunos e um secretariado que estará encarregado das funções contábeis e de tesouraria. Não existem diretores e segundo Rudolf Lanz, Steiner definiu três funções que caracterizam a escola como organismo social vivo sendo elas:

A vida espiritual que está a cargo do corpo docente, as atividades jurídicas que são dirigidas internamente pelo corpo docente e externamente pela associação mantenedora e a administração econômica e financeira que é responsabilidade da entidade mantenedora.

O corpo docente se reúne em diversos tipos de organização entre elas Lanz destaca que Steiner mensurou: a Conferência pedagógica que funcionam como reuniões pedagógicas, a Conferência técnica onde são debatidos problemas administrativos, a Conferência interna formada por docentes engajados e que se encarrega das consciências da escola acumulando diversas funções e o Conselho administrativo formado por membros da conferência interna que são encarregados de representar a escola.

A Associação mantenedora cabe à manutenção financeira da instituição, normalmente é formada por quem fundou a escola. Cabe salientar que nas escolas Waldorf são oferecidos cursos para a formação de professores destinados a essa prática.

Considerações Finais

Valorizando as vivências e o ser humano como constituição biológica, anímica e espiritual pode se observar que a pedagogia Waldorf muito mais que um modelo educacional é uma prática para a vida baseada na construção de seres humanos, é a teoria alicerçada em uma prática de engrandecimento do homem, buscando desenvolver harmonicamente os diversos universos de este ser, sendo um trabalho do professor sobre si e sobre os educandos.

Diante da atual conjectura materialista e científica da sociedade as prerrogativas da Antroposofia que empregam a cosmovisão do mundo estão em total desacordo com o presente cenário, somente uma boa educação pode despertar um olhar crítico sobre essa situação, desnudando o legado de malefícios que essa proposição fria, capitalista e mecânica de universo vem deixando sobre os viventes da terra, desta forma cabe salientar que os preceitos da Pedagogia Waldorf estão intimamente relacionados com a essência humana, mormente com os assuntos dos campos anímicos e espirituais, tais motivações têm como finalidade preencher de forma benéfica o ideário humano, tornando se então uma prática para a vida.

Uma educação baseada no amor, que respeita o íntimo dos seres humanos e valoriza as identidades destes, tende a despertar o bom senso de quem está em contato com tal prática, projetando nestes anseios e clamores para uma nova perspectiva educacional diferente da atual, tradicionalmente instaurada e baseada em rígidos métodos e avaliações. Somente a partir da conscientização poderá se vivenciar uma nova forma educacional e um novo modelo de vida.

A espiritualidade, a crença, os valores morais, o amor e a liberdade estiveram presentes ao longo da história da Pedagogia Waldorf, tais elementos fazem imensa falta dentro da atual realidade que é extremamente dissonante destes. Para se fazer valer o modelo pedagógico apontado necessita que as pessoas acreditem nele, mas onde estará essa crença se a atual sociedade é extremamente descrente e alienada das questões do universo? Um trabalho árduo deve ser feito, afim de, modificar a mentalidade dos cidadãos e fazê-los perceber que a educação é um instrumento para a vida e não uma ferramenta de alienação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JUNIOR, Jonas Bach. A Pedagogia Waldorf como Educação para a Liberdade: Reflexões a partir de um possível diálogo entre Paulo Freire e Rudolf Steiner. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. 2012.

LANZ, Rudolf. A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano. Rio de Janeiro: Editora Antroposófica, 2011.

LANZ, Rudolf. Noções básicas de Antroposofia. Rio de Janeiro: Editora Antroposófica, 2002.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

REP. Revista Educação na Prática. Rio de Janeiro: Editora Minuano, 2011.

ROMANELLI, Rosely Aparecida. A Arte e o Desenvolvimento Cognitivo: Um Estudo sobre os Procedimentos Artísticos. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo (USP). 2008.

STEINER, Rudolf. Minha Vida: A narrativa autobiográfica do fundador da Antroposofia. Rio de Janeiro: Editora Antroposófica, 2006.

STEINER, Rudolf. O mistério dos temperamentos: as bases anímicas para o comportamento humano. Rio de Janeiro: Editora Antroposófica, 1996.

TUTIASSE, Sylvia Naomi Akamine. Pedagogia Waldorf: Uma Pedagogia Inovadora ou Uma Pedagogia Modificada? Monografia de Graduação (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). 2004.